

MARIA EMILIA DA COSTA ALEMÃO DOS SANTOS BENZINHO

**O PAPEL DA SOCIOSSEXUALIDADE, PSICOPATIA E
CRENÇAS SOBRE A VIOLÊNCIA SEXUAL NO RECURSO A
ESTRATÉGIAS SEXUALMENTE AGRESSIVAS NUMA
AMOSTRA MASCULINA**

Orientadora: Professora Doutora Joana Patrícia Pereira de Carvalho

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2018

MARIA EMILIA DA COSTA ALEMÃO DOS SANTOS BENZINHO

**O PAPEL DA SOCIOSSEXUALIDADE, PSICOPATIA E
CRENÇAS SOBRE A VIOLÊNCIA SEXUAL NO RECURSO A
ESTRATÉGIAS SEXUALMENTE AGRESSIVAS NUMA
AMOSTRA MASCULINA**

Dissertação defendida em provas públicas para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Forense conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 22 de Maio, com o Despacho de Nomeação de Júri nº. 370/2017, mediante a seguinte composição do júri:

Presidente: Professora Doutora Eunice Magalhães

Arguente: Professor Doutor Carlos Alberto Poiares

Orientadora: Professora Doutora Joana Carvalho

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2018

*Do rio que tudo arrasta,
diz-se que é violento.
Mas ninguém chama violentas
às margens que o comprimem.*

Bertold Brecht

*O mundo é um lugar perigoso de se viver,
não por causa daqueles que fazem o mal,
mas sim por causa daqueles que observam
e deixam o mal acontecer.*

Albert Einstein

Aos meus Pais,

responsáveis pelos valores morais da vivência em sociedade inculcados na educação que me transmitiram.

À minha Filha,

pelo apoio, por, em momentos particulares, me fazer acreditar nas diferenças encontradas na “hipótese alternativa” e ainda por me “obrigar” a concretizar este meu sonho!

Aos meus Netos,

minhas fontes de motivação e energia.

Agradecimentos

A presente Tese de Mestrado em Psicologia Forense não estaria concluída sem o apoio de várias pessoas que me acompanharam ao longo desta caminhada, a que presto o meu agradecimento.

À Professora Doutora Joana Carvalho, minha orientadora, o meu obrigada pela motivação, disponibilidade, apoio e *expertise*.

Ao Professor Doutor Carlos Poiães, pelo incentivo, motivação e apoio incondicional desde a minha licenciatura e pela solidificação da Psicologia Forense.

Ao meu colega e amigo Rodolfo Ferreira, pela amizade, debate de ideias, motivação e apoio nesta jornada de investigação.

Ao meu segundo filho e atual colega Doutor Miguel Nery, que após o meu incentivo para ingressar em Psicologia, me retribuiu com todo o seu apoio, disponibilidade, *expertise* e carinho na revisão dos meus trabalhos.

Ao Jorge Barros, amigo de décadas, pela amizade e apoio informático interminável.

À Fernanda e Tininho, Amigos que se escolhe para Família, muito obrigada pela ajuda e o apoio em momentos tão difíceis, com a partilha do “pouco” que se transforma em Muito!

Aos meus Pais, pela tolerância das minhas ausências.

À minha (única) Filha Teresa Benzinho, pelo incentivo, apoio, ajuda, “tendo-me obrigado” a terminar/concretizar este meu sonho, iniciado há duas décadas.

Ao meu Genro Nuno Cabrita, pela paciência, apoio moral e informático.

Aos meus Netos Rafael e Gabriela pela motivação, alegria e fonte de energia e, sobretudo, por não me permitirem tempo livre para imaginar uma desistência neste percurso.

À Isabel Nery, à Leonor Guarda, à D. Lurdes, à Leonor Banza e a algumas outras pessoas importantes (mas que a limitação da página já não me permite discriminar), e na expectativa de não me esquecer de ninguém, a Todos o meu Muito Obrigado!

Bem Hajam!

Resumo

A violência sexual, conhecida por ser um problema de saúde e segurança pública, é uma manifestação de comportamentos desviantes, sendo uma temática transversal associada a diversificadas crenças culturais, diferentes faixas etárias, onde são utilizados variados recursos pelos praticantes desta agressão.

Considerando a prevalência da violência sexual, incluindo nos estudantes universitários, e a necessidade de enriquecer os conhecimentos sobre este tema, o presente estudo tem como objetivo caracterizar a violência sexual com recurso a estratégias sexualmente agressivas em estudantes universitários do sexo masculino, como grupo de risco, considerando a influência de traços de psicopatia, homossexualidade e crenças legitimadoras de violência sexual.

232 alunos universitários do sexo masculino (idade ≥ 18 anos) heterossexuais responderam ao questionário *online* “Diferenças de género na interação sexual com o sexo oposto”, constituído por um questionário sociodemográfico, pela Escala de Comportamentos Sexualmente Agressivos (SABS), pela Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS), pelo Inventário de Orientação Homossexual (SOI) e pela versão portuguesa do *Youth Psychopathic Traits Inventory – Short Version* (YPI-S). Os dados recolhidos foram submetidos a uma análise estatística com descrição de frequências e posterior MANOVA e ANOVA, com um nível de significância de 0,05.

115 (56,7%) alunos não apresentaram historial de comportamento sexualmente agressivo. 88 (43,3%) reportaram o uso de alguma estratégia sexualmente agressiva, com a finalidade de iniciar interação social com mulher(es), em que 81,8% relataram comportamento considerado sexualmente coercivo, 44,3% como abuso sexual e 9,1% uso da força física. Os resultados revelaram um efeito principal significativo para a condição grupo (Grupo Agressor x Grupo não Agressor) na homossexualidade e nas crenças legitimadores de violação, excepto na provocação à vítima bem como nos traços de psicopatia, em que não se verificaram diferenças significativas entre os grupos.

Os resultados obtidos fomentam a possibilidade de reflexão para o desenvolvimento e realização de futuras investigações, que englobem populações mais jovens (em última análise desde a primeira infância), de forma a desenhar programas de prevenção e de intervenção mais adequados e eficazes nesta área, baseados na psico-educação, de modo a minimizar esta problemática.

Palavras-Chave: violência sexual, estudantes universitários do sexo masculino, psicopatia crenças, homossexualidade.

Abstract

Sexual violence, known for being a health and public safety problem, is a deviant behavioral manifestation, being a transversal thematic associated to diversified cultural beliefs, different age ranges, where varied resources are utilized by the practitioners of this aggression.

Considering the prevalence of sexual aggression, including in university students, and the necessity to enrich the knowledge about this theme, the present study has as objective characterize sexual violence that resorts to sexually aggressive strategies in male university students, as a risk group, considering the influence of psychopathy traces, homosexuality and legitimating beliefs of sexual violence.

232 heterosexual male university students (ages ≥ 18) answered to the online survey “Diferenças de género na interação sexual com o sexo oposto”, composed by a sociodemographic survey, by the Sexually Aggressive Behavior Scale (SABS), by the *Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS)*, by the Homosexual Orientation Inventory (SOI) and by portuguese version of the Youth Psychopathic Traits Inventory – Short Version (YPI-S). The collected data was submitted to a statistic analysis with frequency description and later MANOVA and ANOVA, with a significance level of 0,05.

115 (56,7%) students did not show any history of aggressive sexual behavior. 88 (43,3%) reported the use of some sexually aggressive strategy, with the intent of initiating sexual interaction with women, in which 81,8% reported a behavior considered sexually coercive, 44,3% as sexual abuse and 9,1% use of physical force. The results revealed a main significant effect for the group condition (*Grupo Agressor x Grupo não Agressor*) in the homosexuality and the rape legitimating belief, except in the victim provocation as well as in the psychopathy traces, in which was not verified significant differences between groups.

The obtained results promote the possibility of reflection for the development and realization of future investigations, which encompass younger populations (ultimately from early childhood), as a way to design more efficient and adequate prevention and intervention programs in this area, based on psycho-education, as a way to minimize this problem.

Keywords: sexual violence, male university students, psychopathy beliefs, homosexuality.

Abreviaturas, Siglas, Símbolos

- ECVS – Escala de Crenças sobre Violência Sexual
- SABS – *Sexually Aggressive Behavior Scale* (Escala de Comportamentos Sexualmente Agressivos)
- SOI – *Sociosexual Orientation Inventory* (Inventário de Orientação Sexual)
- YPI-S – *Youth Psychopathic Traits Inventory – Short version* (Versão portuguesa)
- SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*

Índice Geral

Introdução	11
1.1. Homossexualidade e crenças legitimadoras de violência sexual	15
1.2. Psicopatia e os comportamentos agressivos	18
1.3. Objetivo do estudo	19
Metodologia	20
2.1. Participantes	21
2.2. Procedimentos	23
2.2.1. Considerações éticas	23
2.2.2. Procedimentos de recolha de dados	23
2.3. Medidas / Instrumentos de avaliação	24
2.3.1. Questionário Sociodemográfico	24
2.3.2. Escala de Comportamentos Socialmente Agressivos (SABS)	25
2.3.3. Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS)	25
2.3.4. Inventário de Orientação Homossexual (SOI)	26
2.3.5. <i>Youth Psychopathic Traits Inventory – Short Version (YPI-S)</i> (versão portuguesa para adolescentes)	26
2.4. Análise Estatística	27
Resultados	28
3.1. Dados descritivos	29
3.2. Diferenças entre Grupo Agressor e Grupo Não Agressor do sexo masculino	30
3.2.1. Traços de psicopatia	31
3.2.2. Crenças legitimadoras de violência sexual	31
3.2.3. Homossexualidade	32
Discussão	34
4.1. Implicações práticas	37
4.2. Limitações do estudo	37
Referências Bibliográficas	39
Anexos	I
Anexo I – Consentimento Informado	II
Anexo II – Questionário Sociodemográfico	III

Índice de Tabelas

Tabela 1.	Características Sociodemográficas do Grupo Agressor e Grupo Não Agressor	22
Tabela 2.	Resultados SABS, por item	29
Tabela 3.	Diferenças entre Grupo Agressor e Não Agressor	32

Introdução

- 1.1. Homossexualidade e crenças**
- 1.2. Psicopatia e os comportamentos agressivos**
- 1.3. Objetivo do estudo**

Introdução

A severidade da violação dos direitos humanos e o impacto físico, psíquico e social inerente conduziu ao reconhecimento da violência sexual como um problema de saúde pública. É um fenómeno universal, prevalente em ambos os sexos, diferentes idades, etnia ou classe social, que não só se verificou no passado e ao longo da história da humanidade, mas que continua a perpetuar-se no presente. Muito embora atinja tanto o sexo masculino como o feminino, as mulheres são as principais vítimas visíveis (Peixoto, Matos & Machado, 2013), podendo ocorrer em qualquer período das suas vidas, apesar de as mulheres jovens e adolescentes apresentarem um risco mais elevado de sofrer este tipo de agressão (Day, 1994; Koss & Oros, 1982; Loh, Gidycz, Lobo & Luthra, 2005; Muehlenhard & Linton, 1987).

Nas últimas décadas, a violência sexual no meio universitário tem vindo a suscitar cada vez mais interesse de estudo na comunidade científica, devido a um aumento preocupante de incidência nesta população (Banyard, Planté & Moynihon, 2004). Sendo um problema social, a literatura refere que os estudantes universitários são considerados um grupo de risco de perpetração da agressão sexual (Peixoto et al., 2013), com maior vulnerabilidade das mulheres para a vitimização sexual e dos homens para a perpetração de atos sexualmente abusivos (Jackson, 1999; Mahoney, Williams & West 2001; Schwartz & DeKeseredy, 1997), com indicadores de prevalência cada vez mais alarmantes (Banyard et al., 2004).

É um tema atual e transversal ao meio universitário, onde a violência sexual é um problema com especificidades associadas aos contextos em que ocorre e que ainda transcende fronteiras territoriais, valores educacionais, económicos, socioculturais e trespassa gerações. Alicerçando-se no fenómeno mais vasto da violência de género, a violência sexual constrói-se sobre ideias estereotipadas de desigualdade, em que existe uma perceção social da mulher como alguém que, por fragilidade ou limitação, teria pouca capacidade para fazer escolhas, e assim legitimando a supremacia masculina (Jackson, 1999; Koss & Oros, 1982; Mahoney et al., 2001; Schwartz & DeKeseredy, 1997), que tem vindo a prevalecer na história da humanidade.

O fenómeno de violência sexual é considerado um ato criminoso, porque a liberdade de autodeterminação sexual, enquanto bem jurídico protegido pela lei, é posto em causa. Pode

apresentar variantes e níveis de gravidade diferentes, que alternam desde a importunação, coação até à violação, e englobam qualquer relacionamento interpessoal no qual o ato sexual seja veiculado sem o consentimento da outra pessoa, ocorrendo com violência, seja esta física ou psicológica (Cohen & Fígaro, 1996).

O uso da coerção é por vezes categorizado como método de agressão que envolve dois tipos de componentes, nomeadamente a ameaça e abuso de força, e a incapacitação da vítima (Griffin & Read, 2012). No entanto, segundo Koss e Oros (1982), a violência sexual alterna num contínuo de gravidade cumulativa entre diferentes tipos de comportamentos, cuja variação passa pelo “contacto sexual”, seguida pela “coerção sexual”, a “tentativa de violação” e a “violação” com uma progressão de gravidade. Os agressores sexuais do sexo masculino caracterizam-se pela hostilidade em relação às mulheres e promiscuidade sexual, onde o consumo de substâncias psicoativas e álcool aliado às potenciações de grupos e inconsequências como pontos comuns da violência sexual originam o processo de desenvolvimento de ativação destes comportamentos, em que a imaturidade e ambientes estimulantes correspondem à necessidade de experienciar emoções.

Estudos e inquéritos internacionais sobre a violência sexual apresentam consistência na diferenciação da agressão sexual de outras formas de violência, por existir uma bem definida propensão ou vulnerabilidade do sexo feminino para a vitimização sexual, enquanto o sexo masculino se assume de forma continuada como perpetrador (Jackson, 1999; Mahoney et al., 2001; Schwartz & DeKesereedy, 1997).

Outras investigações realizadas com a mesma população alvo, que avaliaram desde a agressão à violação sexual no namoro entre as estudantes universitárias femininas, demonstraram que cerca de 50% já experienciaram atividade sexual não consentida nos seus relacionamentos amorosos (Day, 1994; Koss & Oros, 1982; Muehlenhard & Linton, 1987).

Estudos desenvolvidos em contexto universitário sobre a perpetração sexual masculina apontam como indicadores de agressão sexual uma incidência entre os 25% e os 75% (Abbey, McAuslan, Zawacki, Clinton & Buck, 2001; Muehlenhard & Linton, 1987). Enquanto o estudo de Koss, Gidycz e Wisniewski (1987) aponta que estudantes universitários (25%) reportaram que já se tinham envolvido em algum tipo de agressão sexual, os resultados de Loh et al. (2005) identificam que os estudantes universitários do sexo masculino (31%) referiram ter praticado comportamentos sexualmente agressivos, com recurso a violência

sexual moderada (27,5%) e severa (3,7%). Estes estudos efetuados na população universitária sugerem que os estudantes do sexo masculino tendem a ser perpetradores habituais deste tipo de agressão e que as estudantes femininas são vítimas frequentes de agressão sexual no contexto das suas relações amorosas.

Seguindo a mesma linha, Molitor, Tolman e Kober (2000) depararam-se com diferenças significativas na variável género ao nível da vitimização sexual, com maior incidência de agressão sexual nas mulheres (18%) comparativamente com o sexo oposto (0,3%). Simultaneamente, a investigação revela que a maioria das agressões sexuais ocorre em contextos de relação na intimidade, nomeadamente em relações de namoro (Gross, Winslett, Roberts & Grohm, 2006; Himelein, 1995; Koss, Dinero, Seibel & Cox, 1988), relações de amizade, relações ocasionais (relacionamento de uma noite), relações formais (colegas de faculdade, trabalho, etc.), sendo a maioria das vezes, cometida por um conhecido ou mais frequentemente pelo parceiro amoroso (Gross et al., 2006; Himelein, 1995). Este comportamento tem por base um conjunto de características agressivas, em que a vítima fica num estado de incapacidade e de resistência, e que envolve o uso da força física, a procura de sujeitos (mais) fragilizados de forma violenta/agressiva, apelando à ameaça e ao abuso de autoridade imposto.

Os agressores sexuais são frequentemente associados a indivíduos com graves perturbações psíquicas ou a um psicopata frio e insensível. No entanto, ao contrário do mito existente em relação a estes agressores, os resultados de estudos de violência sexual demonstraram que a maioria dos perpetradores consideram-se “homens normais”, e, com frequência, que não cometeram um ato violento, de tal forma que a prevalência destes valores e práticas passou a ser assumido com um “ato normal” e a legitimar determinados tipos de comportamento em relação à mulher. De acordo com a mesma linha de investigação, os motivos associados à agressão sexual consistem no desejo do controle, de domínio e do poder sobre as mulheres, sendo a culpa um fator mediador, em que maior culpa relativa à hostilidade poderá associar-se a menores níveis de agressão sexual (Tang, Critelli & Porter, 1993).

Estes agressores sexuais tendem a justificar a agressão (sexual) com base no comportamento da mulher, isto é, considerando que estas são responsáveis pelo seu comportamento agressivo, tendendo a apresentar atitudes negativas face ao feminino, que se conjuga com a defesa ou a aceitação dos papéis de género tradicionais (Burgess, 2007).

Os agressores sexuais caracterizam-se por falta de empatia, problemas de vinculação na idade adulta, refletindo-se na noção precária do impacto negativo sobre as vítimas, considerando que estas são responsáveis pela violação (Abbey, Parkhill, Clinton-Sherrod & Zawacki, 2007). Têm dificuldades ao nível dos mecanismos inibitórios e caracterizam-se por terem mais fantasias sexuais coercivas (Drieschner & Lange, 1999) e dificuldade em perceber os sinais emitidos pelas mulheres em interações sociais (Burgess, 2007; Drieschner & Lange, 1999). Apresentam ainda atitudes mais positivas face ao sexo casual, maior domínio sexual, maior prevalência de consumo de álcool em situações sexuais (Abbey et al., 2007; Burgess, 2007) e maiores índices de aprovação dos pares em relação ao sexo forçado comparativamente à população normal (Abbey et al., 2007). Recorrem mais ao uso de táticas coercivas para a obtenção de sexo (Burgess, 2007), coerção verbal e contacto sexual forçado (Abbey et al., 2007). Algumas das características de personalidade podem facilitar a coerção sexual, dando a possibilidade de os enquadrar no perfil de psicopata (Hersh & Gray-Little, 1998).

1.1. Homossexualidade e crenças legitimadoras de violência sexual

A Homossexualidade é uma dimensão bastante estudada na área da sexualidade humana e operacionaliza as diferenças individuais na predisposição do sujeito se envolver em relações sexuais sem compromisso emocional (Gangestad & Simpson, 1990; Simpson & Gangestad, 1991).

O interesse pela homossexualidade e fatores associados tem sido estudado nas últimas décadas, como entendimento do social com a sexualidade, assumindo características díspares ao longo do tempo. Estes estudos têm sido significativos nesta área, identificando a diferença entre homens e mulheres quanto à homossexualidade.

Alfred Kinsey, conhecido como o pai da sexologia, apesar da sua formação em entomologia, publicou vários estudos na década de 60 (sendo estes os anos rebeldes e revolucionários na homossexualidade) que identificaram como resposta que o sexo era causal sem paixão ou eventual numa nova aproximação, e a esse comportamento sexual, tal como as crenças e motivações, estavam relacionadas com o tema (Reumann, 2005). Os resultados dos estudos eram bastante significativos e identificativos nesta área da diferença entre homens e mulheres quanto à homossexualidade. Também outros estudos foram feitos em muitos países

e em muitas culturas, e em todos foi demonstrado que os homens são mais propensos ao sexo casual, sendo identificativo que ambos os sexos sofreram diferentes pressões evolutivas, com diferentes estratégias sexuais (Reumann, 2005).

O estudo de Schmitt (2005), em que entrevistaram 14.059 pessoas em seis continentes, dez ilhas, 26 línguas e 48 nações, concluiu que todos os homens apresentavam maior propensão ao sexo casual do que as mulheres.

A fim de terem acesso mais informativo sobre a homossexualidade, Simpson e Gangestad (1991) desenvolveram o questionário “Inventário de Orientação Homossexual” (SOI), que reunia atitudes e comportamentos homossexuais tais como: frequências atuais e desejadas de relações sexuais, número de parceiros sexuais, frequência de sexo extraconjugal, frequência de sexo sem compromisso. Este instrumento permitia distinguir os sujeitos com maior propensão permissiva para o sexo casual.

A condição física (atratividade, força) são características mais importantes para decisões sobre as táticas sexuais nos homens do que nas mulheres. Uma das possíveis maneiras para os homens compensarem a falta ou falha de condição física pode ser uma via de provisão de recursos imediata (Buss & Schmitt, 1993).

As relações, além de casuais, tornaram-se agressivas e abusivas, sem se aperceberem do grau da agressividade colocada numa relação, que se devem às características de personalidade, que nos homens em relação às mulheres tendem a ter capacidades e atitudes permissivas e um comportamento mais ilimitado no que respeita ao envolvimento em relações sexuais não cometidas (Buss & Barnes, 1986; Eysenck, 1976; Hendrick, Hendrick, Foote & Slapion-Foote, 1984).

Embora existam bastantes diferenças individuais, os homens na generalidade têm um maior desejo e vontade de fazer sexo casual, ou seja sem compromisso. Essas estratégias sexuais criam conflitos de insistência no sexo imediato, ou seja uma corte prolongada vai obstruir o objetivo do sexo imediato (Buss, 2003).

Outra valência associada à temática dos fatores cognitivos implicados na agressão sexual são os mitos ou crenças que suportam o uso de violência sexual.

Os comportamento humanos, não sendo os comportamento sexuais uma exceção, são moldados pelas normas sociais e culturais dominantes, que obrigam a determinados padrões

de comportamento sexual, em que o género é identificado como o principal fator de discriminação do que é definido como um comportamento aceitável ou não aceitável (Freese, Moya & Megías, 2004, cit in Martins, Machado, Abrunhosa & Manita, 2012).

Nas últimas décadas, têm sido desenvolvidas várias investigações que visam compreender como é que as atitudes de género (Burt, 1980; Ong & Ward, 1999; Ryckman, Kaczor & Thomson, 1992) e /ou mitos de aceitação da violência sexual fomentam esta forma de violência e se relacionam com as reações à mesma (Martins et al., 2012). Diversos estudos apontam que há uma tendência dos participantes em discordar com a afirmação expressa de mitos sobre a violência sexual (e.g, Brady, Chrisler, Hosdale, Osowiecki & Veal, 1991; Carmody & Washington, 2001; Golge, Yavuz, Muderrisoglu & Yavuz, 2003; Hinck & Thomas, 1999; McDonald & Kline, 2004; Vrij & Kirby, 2002, cit in Martins et al., 2012) e que ainda se verifica nos resultados a recolha de algumas crenças legitimadoras desta forma de violência, designadamente em relação ao sexo feminino, as mulheres “acusam injustamente os homens de violação; a violação não é prejudicial; aquelas gostam da ou desejam a violação e provocam a agressão ou merecem ser violadas, devido ao seu comportamento inapropriado ou de «risco»”; e, que em raras ocasiões “são perpetradoras desta forma de violência contra os homens”; e, no que respeita ao sexo masculino, os homens “não podem ser, ou raramente são, vítimas de agressão sexual; que estas agressões só acontecem, em prisões e são cometidas por violadores homossexuais” (Martins et al., 2012).

Compreender atitudes face à violência sexual, permite-nos conhecer a reação das pessoas e o seu comportamento face às vítimas e aos agressores (Freese et al, 2004, cit in Martins et al., 2012), o que assume elevada importância dado que estas atitudes podem ser suportadas não só por perpetradores como também por vítimas, sendo habitualmente adaptadas pela sua culpabilização (da vítima), minimização do impacto psicológico do crime e justificação do comportamento do agressor. A manifestação e tolerância da violência sexual (Proite, Donnell & Benton, 1993) bem como a adesão aos estereótipos sexuais tradicionais de masculinidade e feminilidade (Zweing, Barber & Eccles, 1997) são influenciados pelas supracitadas atitudes e crenças (Martins et al., 2012).

Desta forma, as crenças e mitos que estão na base e minimizam a agressão sexual (Collings, 1994; Carvalho & Nobre, 2013), a aceitação da violência interpessoal (Koss & Dinero, 1988; OMS, 2012) e as crenças sexuais distorcidas (Carvalho & Nobre, 2013) também se assumem como preditores de agressão sexual contra mulheres. Ademais, alguns

homens admitem e consideram que, após o primeiro contato sexual (em particular no contexto de uma relação) têm o “direito” de voltar com a pessoa em questão a estabelecer contato sexual (Wegner, Pierce & Abbey, 2014, cit in Sá, 2016).

Na esfera social, a pressão que é imposta pelos pares (Koss & Dinero, 1988; Abbey et al., 2007) também se assume como outro dos fatores de risco para a perpetuação da agressão sexual. Nas comunidades universitárias, o suporte desenvolvido pelos pares conduz os alunos a desenvolverem comportamentos de agressão sexual, e reforça este tipo de comportamentos (Carr & VanDeusen, 2004), promovendo a “hipermasculinidade” (por intermédio da visão da mulher enquanto objeto sexual e do consumo excessivo de álcool), em particular quando englobam grupos de pares exclusivamente masculinos (Franklin, Bouffard & Pratt, 2012).

1.2. Psicopatia e os comportamentos agressivos

A psicopatia é uma perturbação da personalidade complexa, definida por um conjunto de características comportamentais e afetivas. Relativamente à sua origem e caracterização, esta é uma das perturbações de personalidade que tem vindo a ser bastante estudada devido às consequências que os comportamentos dos psicopatas têm na vida social. Os psicopatas utilizam mais facilmente a agressão, quer física quer psicológica, podendo caracterizar-se como indivíduos frios, predadores e manipuladores, que usam o charme, a intimidação e a violência para conseguirem os seus objetivos egoístas (Hare, 1991).

É relativamente consensual na comunidade científica que o psicopata se caracteriza pela deficiente capacidade empática, pela pobreza dos afetos, pelo egocentrismo e pela impulsividade, com a tendência para cometer crimes, sendo a sua maior representatividade nos grupos em que a violência e a brutalidade são bastante comuns, apesar destes indivíduos se encontrarem em todo o tipo de agressores (Gonçalves, 1999).

Hervey Cleckley descreve a psicopatia de acordo com 16 características principais: (1) Inexistência de alucinações ou outras manifestações de pensamento irracional; (2) Ausência de “nervosismo” ou de manifestações neuróticas; (3) Encanto superficial e notável inteligência; (4) Egocentrismo patológico e incapacidade de amar; (5) Grande pobreza de reações afetivas; (6) Vida sexual impessoal, trivial e pouco integrada; (7) Ausência de

sentimentos de culpabilidade e/ou vergonha; (8) Indigno de confiança; (9) Mentiras patológicas; (10) Incapacidade para aprender com a experiência; (11) Ausência de intuição e empatia; (12) Irresponsabilidade nas relações interpessoais; (13) Abuso de substâncias; (14) Frequentes ameaças de suicídio raramente cumpridas; (15) Comportamentos antissociais frequentes sem arrependimento; (16) Incapacidade para concretizar qualquer plano de vida (Iria & Barbosa, 2008).

Tendo em conta a revisão da literatura, será expectável que os estudantes com relato de estratégias sexualmente agressivas apresentem níveis significativamente superiores de psicopatia, bem como mais crenças legitimadoras/mitos sobre violência sexual e ainda níveis superiores de homossexualidade.

1.3. Objetivo do estudo

Considerando a prevalência de violência sexual cometida por indivíduos da comunidade, incluindo estudantes universitários, e no sentido de virem a ser criadas estratégias de prevenção para as quais é preciso conhecer as características desta população, o presente estudo pretende contribuir para melhorar a identificação da incidência de comportamentos sexualmente agressivos, no que diz respeito a potenciais traços de psicopatia, homossexualidade e crenças legitimadoras de violência sexual.

Assim, o presente estudo tem como objetivo caracterizar a violência sexual com recurso a estratégias sexualmente agressivas em estudantes universitários do sexo masculino, como grupo de risco, considerando a influência da homossexualidade, psicopatia e crenças sobre a violência sexual. Desta forma, visa aferir-se as implicações da violência sexual nesta população, de forma a desenhar programas de prevenção dirigidos, baseados na psico-educação de modo a minimizar esta problemática.

Metodologia

2.1. Participantes

2.2. Procedimentos

2.2.1. Considerações éticas

2.2.2. Procedimentos de recolha de dados

2.3. Medidas / Instrumentos de avaliação

2.3.1. Questionário Sociodemográfico

2.3.2. Escala de Comportamentos Sexualmente Agressivos (SABS)

2.3.3. Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS)

2.3.4. Inventário de Orientação Homossexual (SOI)

2.3.5. Youth Psychopathic Traits Inventory – Short Version (YPI-S) (versão portuguesa para adolescentes)

2.4. Análise Estatística

Metodologia

2.1. Participantes

Este estudo envolve 232 participantes universitários do sexo masculino (idade ≥ 18 anos) heterossexuais que responderam ao questionário *online* intitulado “Diferenças de género na interação sexual com o sexo oposto”.

Quanto à caracterização sociodemográfica da amostra, o grupo de estudantes com relato de recurso a estratégias sexualmente agressivas (a partir de agora denominado como Grupo Agressor) é constituído por 88 participantes (43,3%), com uma média de idades de 25,7 anos ($n = 71$) e uma média de idade da primeira relação de 16,9 anos ($\text{min} = 8$, $\text{máx} = 26$). Desta amostra de 88 alunos do sexo masculino, a grande maioria (69) dos participantes são solteiros (78,4%), 10 são casados (11,4%) e 9 (10,2%) vivem em união de facto. No que respeita ao grau académico frequentado, 41 (46,6%) são alunos de licenciatura, 34 (38,6%) de mestrado e 10 (11,4%) de doutoramento, sendo que 3 (3,4%) alunos frequentam outros cursos. Relativamente ao número de parceiros sexuais, 17 (19,3%) dos alunos masculinos negaram a sua existência, no entanto a grande maioria (57) discriminou apenas um parceiro sexual (64,8%), seguidos por 10 (11,4%) alunos que discriminaram múltiplos parceiros e por fim apenas 4 (4,5%) estudantes identificaram apenas dois parceiros sexuais. No que concerne à frequência da atividade sexual as respostas obtidas foram: 8 (9,1%) alunos não apresentam, 18 (20,5%) responderam raramente, 6 (6,8%) 1 vez por mês, 20 (22,7%) 2 a 3 vezes por mês, 33 (37,5%) 1 a 3 vezes por semana e 3 (3,4%) quase sempre. O consumo de drogas foi confirmado por 23 (26,1%) estudantes do sexo masculino.

O grupo de estudantes sem relato de recurso a estratégias sexualmente agressivas (a partir de agora denominado por Grupo Não Agressor) é constituído por 115 participantes (56,7%) com uma média de idades de 22,7 anos ($n = 93$) e uma idade média da primeira relação de 17,7 anos ($n = 87$), sendo na sua grande maioria (105) constituído por estudantes solteiros (91,3%). No que concerne ao grau académico frequentado, 60 (52,6%) são alunos de licenciatura, 46 (40,4%) de mestrado e 7 (6,1%) de doutoramento, sendo que 1 (0,9%) frequenta outro tipo de curso. Relativamente ao número de parceiros sexuais, a grande maioria (64) dos estudantes apresenta apenas um parceiro sexual (55,7%), seguido de 37 (32,2%) alunos do sexo masculino que negaram ter parceiros sexuais, 9 (7,8%) discriminaram

múltiplos e por fim apenas 5 (4,3%) identificaram 2 parceiros sexuais. No que respeita à frequência de atividade sexual, as respostas obtidas foram: 31 (27%) não apresentam (nenhuma), 10 (8,7%) raramente e uma vez por mês, 20 (17,4%) 2 a 3 vezes por mês, 38 (33%) 1 a 3 vezes por semana, e 6 (5,2%) responderam quase sempre. O consumo de drogas está presente em 9 (7,8%) alunos (Tabela 1).

Tabela 1

Características sociodemográficas do Grupo Agressor e Grupo Não Agressor.

Alunos universitários do sexo masculino		
	Grupo Agressor (n = 88)	Grupo Não Agressor (n = 115)
Idade	M ± DP 25,7 ± 7,1 (n = 71) ^a	M ± DP 22,7 ± 5,4 (n = 93) ^a
Idade 1ª relação	M ± DP 16,9 ± 4,3 (n = 82) ^a	M ± DP 17,7 ± 2,6 (n = 87) ^a
Estado Civil		
Solteiro	69 (78,4%)	105 (91,3%)
Casado	10 (11,4%)	6 (5,2%)
União de Facto	9 (10,2 %)	4 (3,5%)
Grau Académico frequentado		
Alunos de Licenciatura	41 (46,6%)	60 (52,6%)
Alunos de Mestrado	34 (38,6%)	46 (40,4%)
Alunos de Doutoramento	10 (11,4%)	7 (6,1%)
Alunos de outros Cursos	3 (3,4%)	1 (0,9%)
Nº de parceiros sexuais		
0	17 (19,3%)	37 (32,2%)
1	57 (64,8%)	64 (55,7%)
2	4 (4,5%)	5 (4,3%)
Múltiplos	10 (11,4%)	9 (7,8%)

Frequência da atividade sexual

Não apresentam / Nenhuma	8 (9,1%)	31 (27,0%)
Raramente	18 (20,5%)	10 (8,7%)
1 vez por mês	6 (6,8%)	10 (8,7%)
2 a 3 vezes por mês	20 (22,7%)	20 (17,4%)
1 a 3 vezes por semana	33 (37,5%)	38 (33,0%)
Quase sempre	3 (3,4%)	6 (5,2%)

Consumo de drogas

Não	65 (73,9%)	106 (92,2%)
Sim	23 (26,1%)	9 (7,8%)

^a número de participantes que responderam à questão em cada um dos grupos.

2.2. Procedimentos

2.2.1. Considerações éticas

O projeto do presente estudo foi submetido e aprovado pela Comissão de Ética e Deontologia da Investigação Científica da Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

2.2.2. Procedimentos de recolha de dados

Após a aprovação do estudo, procedeu-se à sua divulgação e pedido de participação *online*, com a obtenção da concordância voluntária prévia dos participantes para o preenchimento do questionário.

A população do estudo é constituída por estudantes universitários (idade ≥ 18 anos) portugueses do sexo masculino. Para a recolha da amostra procedeu-se ao envio da divulgação do estudo com o pedido de participação para os endereços eletrónicos de 303 faculdades a nível nacional, incluindo as regiões autónomas, bem como para as respetivas Associações de Estudantes, às quais foram apresentadas as linhas gerais da investigação, os objetivos e o modo de participação (através do preenchimento de um questionário), entre Outubro de 2016 e Abril de 2017.

Os participantes puderam aceder ao questionário *online* intitulado “Diferenças de género na interação sexual com o sexo oposto” através de um *link* disponibilizado no email. No pedido de participação foi explícito que a mesma era voluntária e anónima, que a recusa/desistência em qualquer momento não teria penalizações associadas, que o tratamento dos dados recolhidos seria realizado de forma confidencial, bem como que os resultados seriam agregados e publicados de forma conjunta. Antes de se iniciar a recolha de dados, foi apresentado aos participantes um termo de consentimento informado de que a sua aceitação foi condição necessária para se proceder à recolha dos mesmos. No que diz respeito à clarificação do objetivo do estudo, a mesma foi ocultada aos participantes no sentido de salvaguardar as questões de desejabilidade social. Desta forma, a investigação foi divulgada como sendo um estudo sobre “fatores psicológicos e estratégias de interação com o sexo oposto”. Relativamente ao questionário de autopreenchimento, as questões foram apresentadas numa ordem fixa, do tipo fechado, sendo obrigatório responder a todas de acordo com a escala de Likert (com cotações de 1 a 5), para que o mesmo fosse considerado válido.

Os dados recolhidos até Abril de 2017 foram diretamente armazenados numa base de dados *online* e posteriormente trabalhados estatisticamente através do *software* IBM SPSS *Statistics* 21 (*Statistical Package for the Social Sciences*).

Os participantes que não responderam à maioria das questões do questionário sociodemográfico foram excluídos.

2.3. Medidas / Instrumentos de avaliação

2.3.1. Questionário Sociodemográfico

A recolha de dados teve início com a aplicação de um questionário sociodemográfico, de forma a proceder ao levantamento de dados, constituídos por questões de resposta direta relativas às variáveis sociodemográficas, entre as quais idade, sexo, estado civil e grau académico frequentado.

O supracitado questionário ainda contempla a discriminação de patologia psiquiátrica ou psicológica já diagnosticada, questões de sexualidade (incluindo orientação sexual, número

de parceiros sexuais atuais, frequência da atividade sexual e idade da primeira relação sexual) e consumo de drogas.

2.3.2. Escala de Comportamentos Sexualmente Agressivos (SABS)

A *Sexually Aggressive Behavior Scale* (Andersen, 1996) é uma escala de autorrelato, habitualmente utilizada em amostras do sexo feminino. Contempla 26 itens, que avaliam o número de contactos sexuais iniciados através da utilização de diferentes estratégias. De forma a validar as respostas do sexo masculino, que exclusivamente constituem a amostra do presente estudo, procedeu-se à adaptação dos itens da SABS (e.g. item feminino “Quantas vezes tentou ter contato sexual com um homem pressionando-o com argumentos verbais?”, item masculino “Quantas vezes tentou ter contato sexual com uma mulher pressionando-a com argumentos verbais?”). A SABS é constituída por três subescalas que avaliam a frequência da ocorrência de coerção sexual (e.g., iniciar contato com uma mulher ameaçando-a acabar com a relação, pressão verbal), o abuso sexual (e.g., iniciar contato sexual com um menor por um adulto pelo menos cinco anos mais velho que o menor, ao utilizar uma posição de poder/autoridade) e a força física (e.g., iniciar contato sexual ameaçando utilizar algum tipo de força física ou arma).

As respostas dos participantes a cada uma das afirmações poderão variar de acordo com uma escala de “Nunca” até “Pelo menos 1 vez”, sendo que este instrumento apresenta uma consistência interna de $\alpha = 0,75$.

2.3.3. Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS)

A Escala de Crenças sobre a Violência Sexual (ECVS) (Martins et al., 2012) é um questionário de autorrelato (Peixoto et al., 2013) aferido para a população portuguesa e que foi construída a partir da Escala de Crenças sobre Violação (EVC) (Machado, Gonçalves & Matos, 2000) que contempla 29 itens (Machado et al., 2000; Martins et al., 2012; Peixoto et al., 2013). A ECVS é constituída por cinco fatores principais, a citar “representação estereotipada da vítima”, “provocação da vítima”, “consentimento da vítima”, “falsa noção de invulnerabilidade pessoal” e “falsas alegações”, que perfazem um total de 30 itens, expostos com uma escala de resposta de cinco pontos (desde 1=discordo totalmente até 5=concordo

totalmente e em que todos os itens são formulados no mesmo sentido), sendo uma escala com um elevado grau de consistência interna ($\alpha = 0,908$). A pontuação total quantifica o grau de tolerância/aceitação do sujeito em relação ao uso de violência de natureza sexual e as pontuações obtidas em cada um dos fatores maximiza a compreensão do tipo de crenças específicas abrangidas nesta tolerância à violência (Martins et al., 2012).

2.3.4. Inventário de Orientação Sociossexual (SOI)

A *Sociosexual Orientation Inventory* (SOI) (Simpson & Gangestad, 1991) é um questionário de autopreenchimento constituído por 7 itens que mede a tendência para uma orientação homossexual sem restrições (isto é, o apoio/aval para sexo casual; e.g., “Com quantos parceiros diferentes prevê que poderá ter relações sexuais durante os próximos cinco anos?”, “Sexo sem amor é algo que está bem”. A versão original demonstrou boas propriedades psicométricas, com uma consistência interna de $\alpha = 0,83$ e uma fidedignidade no teste-reteste de $r = 0,94$ (Carvalho & Nobre, 2016). No presente estudo, a consistência interna foi $\alpha = 0,74$.

2.3.5. Youth Psychopathic Traits Inventory – Short Version (YPI-S) - Versão portuguesa para adolescentes

Foi utilizada a versão portuguesa para adolescentes (Pechorro, Andershed, Ray, Maroco & Gonçalves, 2015) do *Youth Psychopathic Traits Inventory – Short Version* (YPI-S) (Van Baardewijk, Andershed, Stegge, Nilsson, Scholte & Vermeiren, 2010). Este questionário é constituído por 18 itens e pretende avaliar as três dimensões da psicopatia: interpessoal (grandiosidade/manipulação), afetiva (frieza e insensibilidade emocional) e comportamental (impulsividade/irresponsabilidade). O presente instrumento é de autorresposta numa escala de quatro pontos, de “1=discordo muito” a “4=concordo muito”, sendo que quanto mais elevada for a pontuação do sujeito, maior o índice de traços psicopáticos. A escala original apresenta um alfa de *Cronbach* que varia entre 0,83 e 0,93 para o *score* total, entre 0,81 e 0,91 para a dimensão da grandiosidade/manipulação, entre 0,74 e 0,81 para dimensão da frieza e insensibilidade emocional e entre 0,68 e 0,82 para a dimensão da impulsividade e irresponsabilidade (Van Baardewijk et al., 2010). Na versão portuguesa para adolescentes, o

YPI-S apresenta uma boa consistência interna com um alfa de *Cronbach* para a escala completa de 0,82 e para as subescalas o valor de α variou entre 0,67 e 0,80 (Pechorro et al., 2015).

2.4. Análise Estatística

Os dados recolhidos armazenados numa base de dados *online* foram trabalhados estatisticamente através do *software* IBM SPSS *Statistics* 21. Para a análise estatística dos dados referentes aos Questionários Sociodemográfico, SABS, SOI e YPI-S foram realizadas análises descritivas de frequências. Posteriormente, foram utilizadas análises multivariadas de variância (MANOVA) para avaliar múltiplas variáveis dos traços de psicopatia e das crenças legitimadoras de violência sexual, e análise de variância (ANOVA), para aferir a homossexualidade, técnicas que permitem analisar se existem diferenças nas médias entre grupos (Grupo Agressor x Grupo Não Agressor) para um conjunto de variáveis dependentes, com um nível de significância de 0,05.

Resultados

3.1. Dados Descritivos

3.2. Diferenças entre grupos do sexo masculino com e sem historial de comportamentos sexualmente agressivos

3.2.1. Traços de psicopatia

3.2.2. Crenças legitimadoras da violência sexual

3.2.3 Homossexualidade

Resultados

3.1. Dados Descritivos

Os dados descritivos indicaram que 115 (56,7%) homens não apresentaram historial de comportamento sexualmente agressivo (Grupo Não Agressor), enquanto que 88 (43,3%) reportaram o uso de alguma estratégia sexualmente agressiva, com a finalidade de iniciar interação social com mulher(es) (Grupo Agressor).

O grupo de homens que reportou alguma forma de agressão sexual contra mulheres revela que 81,8%, num total de 72, relataram comportamento considerados sexualmente coercivos (e.g, iniciar contato sexual com uma mulher ameaçando acabar com a relação, pressão verbal), 44,3%, integrando um total de 39 homens, relataram comportamentos considerados como abuso sexual (e.g, iniciar contato sexual com um menor por um adulto pelos menos 5 anos mais velho que o menor, ao utilizar uma posição de poder/autoridade) e 9,1%, ou seja, 8 homens, relataram o uso da força física (e.g., iniciar contato sexual ameaçando utilizar algum tipo de força física ou arma). Os supracitados resultados obtidos por intermédio da SABS discriminados por item, referem-se à resposta identificada como “Pelo menos 1 vez” dos Homens que constituem o Grupo Agressor, e que se apresentam na Tabela 2.

Tabela 2

Resultados das respostas discriminadas como “Pelo menos 1 vez” da SABS, por item, do Grupo Agressor

Itens	% (n)
Coação Sexual	
Quantas vezes tentou ter contato sexual com uma mulher ameaçando acabar com a vossa relação?	6,8 (6)
Quantas vezes tentou ter contato sexual com uma mulher dizendo coisas que no fundo não queria dizer?	51,1 (45)
Quantas vezes tentou ter contato sexual com uma mulher pressionando-a com argumentos verbais?	62,5 (55)

Quantas vezes tentou ter contato sexual com uma mulher questionando a sua sexualidade (sugerindo que ela poderia ser impotente ou lésbica)?	8,0 (7)
---	---------

Abuso

Quantas vezes tentou ter contato sexual com uma mulher usando a sua posição de poder ou autoridade (patrão, professor, <i>babysitter</i> , conselheiro ou supervisor)?	5,7 (5)
--	---------

Quantas vezes tentou ter contato sexual com uma mulher com 12 a 18 anos de idade e mais novo 5 ou mais anos que você?	25,0 (22)
---	-----------

Quantas vezes tentou ter contato sexual com uma mulher levando-a a embriagar-se ou drogar-se?	13,6 (12)
---	-----------

Quantas vezes tentou ter contatos sexual com uma mulher tirando partido de uma situação comprometedor onde ela estava (estando ela num sítio onde não pertencia ou quebrando alguma regra)?	11,4 (10)
---	-----------

Força Física

Quantas vezes tentou ter contato sexual com uma mulher ameaçando usar algum tipo de força física (puxando-a, agarrando-a, atingindo-a, etc.)?	2,3 (2)
---	---------

Quantas vezes tentou ter contato sexual com uma mulher usando algum tipo de força física?	8,0 (7)
---	---------

Quantas vezes tentou ter contato sexual com uma mulher ameaçando magoar-se a si mesmo?	1,1 (1)
--	---------

Quantas vezes tentou ter contato sexual com uma mulher ameaçando-a com uma arma?	1,1 (1)
--	---------

3.2. Diferenças entre Grupo Agressor e Grupo Não Agressor do sexo masculino

Os resultados revelaram um efeito principal significativo para a condição grupo (Grupo Agressor x Grupo não Agressor) em todas as variáveis, exceto nos traços de psicopatia, que serão seguidamente apresentados (Tabela 3).

3.2.1. Traços de psicopatia

Os resultados relativos ao efeito do tipo de grupo (Grupo Agressor x Grupo Não Agressor) nos traços de psicopatia revelaram que o grupo não teve um efeito significativo [Wilks's $\Lambda = 0,970$, $F(3, 192) = 1,989$, $p = 0,117$, $\eta^2 = 0,03$]. Adicionalmente, verificou-se um efeito próximo da significância estatística no que diz respeito às comparações univariadas para a variável grandiosidade/estilo manipulativo, sendo que o grupo agressor apresentou mais traços desta dimensão, relativamente ao grupo de comparação ($M_{\text{Agressores}} = 2,23$, $DP = 0,59$; $M_{\text{Não Agressores}} = 2,07$, $DP = 0,54$, $F(1, 194) = 3,836$, $p = 0,052$, $\eta^2 = 0,019$) (Tabela 3). Na variável Caloso/Não Afetivo não existiu um valor significativo relativamente ao grupo de comparação, mas foram encontrados valores mais elevados no grupo dos homens agressores ($M_{\text{Agressores}} = 1,77$, $DP = 0,56$; $M_{\text{Não Agressores}} = 1,74$, $DP = 0,57$, $F(1, 194) = 0,146$, $p = 0,703$). Na variável Impulsivo/Irresponsável encontraram-se, uma vez mais, resultados superiores nos homens agressores, no entanto, estes valores não são significativos ($M_{\text{Agressores}} = 2,20$, $DP = 0,54$; $M_{\text{Não Agressores}} = 2,08$, $DP = 0,48$, $F(1, 194) = 2,688$, $p = 0,103$) (Tabela 3).

3.2.2. Crenças legitimadoras da violência sexual

No que diz respeito ao efeito do grupo (Grupo Agressor x Grupo Não Agressor) nas crenças sobre violação, verificou-se um efeito principal significativo [Wilks's $\Lambda = 0,940$, $F(5, 187) = 2,388$, $p = 0,040$, $\eta^2 = 0,06$]. Os testes univariados mostraram que o grupo agressor relatou significativamente mais crenças de representação estereotipada da vítima ($M_{\text{Agressores}} = 1,72$, $DP = 0,68$; $M_{\text{Não Agressores}} = 1,51$, $DP = 0,48$, $F(1, 191) = 6,29$, $p = 0,013$, $\eta^2 = 0,032$), consentimento da vítima ($M_{\text{Agressores}} = 2,88$, $DP = 0,93$; $M_{\text{Não Agressores}} = 2,55$, $DP = 0,86$, $F(1, 191) = 6,609$, $p = 0,011$, $\eta^2 = 0,033$), invulnerabilidade pessoal ($M_{\text{Agressores}} = 1,66$, $DP = 0,64$; $M_{\text{Não Agressores}} = 1,50$, $DP = 0,37$, $F(1, 191) = 4,610$, $p = 0,033$, $\eta^2 = 0,024$) e falsas alegações ($M_{\text{Agressores}} = 2,55$, $DP = 0,088$; $M_{\text{Não Agressores}} = 2,31$, $DP = 0,76$, $F(1, 191) = 4,061$, $p = 0,045$, $\eta^2 = 0,021$). No entanto, no que concerne à provocação da vítima, não há diferenças significativas de crenças entre os homens agressores e os não agressores ($M_{\text{Agressores}} = 2,27$, $DP = 0,99$; $M_{\text{Não Agressores}} = 2,15$, $DP = 0,85$, $F(1, 191) = 0,709$, $p = 0,401$) (Tabela 3).

3.2.3. *Sociossexualidade*

No que diz respeito ao efeito de grupo (Grupo Agressor x Grupo Não Agressor) dos resultados do SOI verificou-se um efeito significativo $F(1, 178) = 9,844$; $p = 0,002$, $\eta^2 = 0,052$, o que traduz que os homens estão mais pré-dispostos a “aceitar” o sexo casual como “normal” ($M_{\text{Agressores}} = 89,75$, $DP = 82,76$; $M_{\text{Não Agressores}} = 59,56$, $DP = 45,16$) (Tabela 3).

Tabela 3

Diferenças entre Grupo Agressor e Grupo Não Agressor

	Grupo Agressor		Grupo Não Agressor		<i>F</i>	<i>p</i>	η_p^2
	M	DP	M	DP			
Traços de Psicopatia					$F(3,192)$ $= 1,989$	0,117	0,03
Grandiosidade / Estilo Manipulativo	2,23	0,59	2,07	0,54	$F(1,194)$ $= 3,836$	0,052	0,019
Caloso / Não Afetivo	1,77	0,56	1,74	0,57	$F(1,194)$ $= 0,146$	0,703	0,001
Impulsivo / Irresponsável	2,20	0,54	2,08	0,48	$F(1,194)$ $= 2,688$	0,103	0,014
Crenças legitimadoras de Violência Sexual					$F(5, 187)$ $= 2,388$	0,040	0,06
Representação Estereotipada	1,72	0,68	1,51	0,48	$F(1,191)$ $= 6,29$	0,013	0,032
Provocação da Vítima	2,27	0,99	2,15	0,85	$F(1,191)$ $= 0,709$	0,401	0,004
Consentimento da Vítima	2,88	0,93	2,55	0,86	$F(1,191)$ $= 6,609$	0,011	0,033
Invulnerabilidade	1,66	0,64	1,50	0,37	$F(1,191)$	0,033	0,024

Pessoal						= 4,610		
Falsas Alegações	2,55	0,88	2,31	0,76	$F(1,191)$ = 4,061	0,045	0,021	
Homossexualidade						$F(1, 178)$		
SOI scores médios	89,75	82,76	59,56	45,16	9,844	0,002	0,052	

NOTA: *Nível de significância 0,05.*

Discussão

4.1. Implicações Práticas

4.2. Limitações do Estudo

Discussão

Os resultados sugerem diferenças significativas entre o Grupo Agressor e o Grupo Não Agressor relativamente às crenças e à homossexualidade, não tendo sido encontradas diferenças significativas relativamente aos traços de psicopatia.

A psicopatia remete para uma estabilidade dos comportamentos, derivada de uma estrutura de personalidade e psicopatologia que os sustenta (Hare, 1991), enquanto as crenças e a homossexualidade remetem essencialmente para fatores do meio (Freese, Moya & Megías, 2004, cit in Martins et al., 2012; Koss & Dinero, 1988; Abbey et al., 2007; Carr & VanDeusen, 2004), mais permeáveis a intervenções de carácter psicopedagógico. Esta diferença vai ter implicações práticas na intervenção.

Tendo em consideração a descrição dos agressores sexuais e o perfil dos psicopatas, seria expectável uma sobreposição entre estes, o que não se verificou. À semelhança dos psicopatas, os agressores sexuais caracterizam-se por falta de empatia, dificuldades de vinculação na idade adulta (Abbey et al., 2007) e ao nível dos mecanismos inibitórios de ação (Drieschner & Lange, 1999), comportamentos de risco (Burgess, 2007; Abbey et al., 2007) e recurso a táticas coercivas e de manipulação (Hersh & Gray-Little, 1998). Assim, os dados da amostra sugerem que os fatores de personalidade exercem menor influência na expressão de comportamentos sexualmente agressivos, quando comparados com fatores relacionados com o meio (crenças e homossexualidade) nesta população em particular (i.e., estudantes/amostra não-forense).

O pensamento condiciona a ação; as mudanças de comportamento derivadas de uma mudança estrutural da personalidade só são possíveis com recurso a uma psicoterapia em profundidade e de longa duração. Dadas as características de personalidade dos psicopatas, nomeadamente o facto de a psicopatologia ser egossintónica (Hare, 1991), a adesão destes sujeitos a uma intervenção desta natureza é baixa e o prognóstico reservado. A sua permeabilidade a intervenções de carácter psicopedagógico também é baixa, em parte devido às lacunas relativas à alteridade e reconhecimento do sofrimento do outro, que tende a ser visto como um prolongamento narcísico e não como um indivíduo uno e separado, com motivações e sentimentos próprios. O psicopata usa os outros para benefício próprio e organiza o seu mundo desta forma (Hare, 1991). A inibição do comportamento destes sujeitos

é essencialmente influenciada pelo receio da punição (e.g., ser preso), e não por mecanismos de empatia (inibir o comportamento por sentir que o outro sofre) (Drieschner & Lange, 1999).

O facto de os fatores do meio exercerem maior influência sobre os comportamentos sexualmente agressivos parece ser um aspeto positivo, dado a intervenção psicopedagógica ser mais eficaz na mudança de crenças e homossexualidade, quando comparada com a mudança de comportamento dos psicopatas. Tal facto não deve ser entendido como a existência de uma clivagem total entre os fatores relacionados com a personalidade e fatores do meio; estes interagem e se influenciam mútua e constantemente, mas parece ser importante que os fatores do meio tenham maior influência na expressão deste tipo de comportamentos, tal como sugerido pelos dados.

As atitudes são boas preditoras do comportamento explícito e podem ser mudadas (Fishbein & Ajzen, 1981). As crenças face à sexualidade são fortemente influenciadas pelos estereótipos sexuais (Martins et al., 2012). A hipermasculinidade consiste numa exacerbação do estereótipo masculino, condicionando o comportamento dos homens de forma a exacerbar as crenças sexualmente agressivas. Rozee e Koss (2001) descrevem este fenómeno como “cultura de hipermasculinidade”, referindo que a pressão dos pares também deve ser tida em consideração.

Os papéis e os estereótipos sexuais são aprendidos (Hoferek, 1980). Os homens e mulheres diferem no estilo de interação, e as diferenças sexuais desde a infância condicionam o tipo de conduta agressiva (Hopkins, 1987): os homens tendem a procurar demonstrar a sua superioridade sobre os outros (Reis & Jelsma, 1980), apresentando maiores dificuldades com a intimidade e relações de proximidade (Hopkins, 1987). Quanto mais “social” for o ambiente, maior a tendência para o acentuar dos comportamentos estereotipados (Reis & Jelsma, 1980),

A masculinidade caracteriza-se por atributos como o poder (Lomas, 2007), controlo (Hopkins, 1987), domínio (Hopkins, 1987), violência, risco (Lomas, 2007), carácter instrumental (Hopkins, 1987) e pouco expressivo (Reis & Jelsma, 1980), agressividade e atividade (Lomas, 2007). Numa lógica de hipermasculinidade, quanto mais exacerbados estes atributos, mais macho se é considerado (e vice-versa). Outros aspetos importantes consistem na ostentação heterossexual e homofobia, obsessão pelo tamanho do pénis, conquista sexual, êxito profissional (Lomas, 2007).

Em contraponto, o estereótipo feminino relaciona-se com a não agressividade (Boslooper & Hayes, 1976), sensibilidade e compreensão dos sentimentos dos outros, emotividade e expressão de sentimentos (Hopkins, 1987), assim como a fragilidade (Beisser, 1976), delicadeza (Cashmore, 1996), submissão/dependência e passividade (Boslooper & Hayes, 1976). Numa lógica fortemente estereotipada, as mulheres são consideradas inferiores (Hopkins, 1987) e vítimas potenciais de machos agressivos (Beisser, 1976).

A prevalência destas representações de forma exacerbada, a idade dos sujeitos e as características do meio universitário parecem influenciar a expressão de comportamentos sexualmente agressivos.

4.1. Implicações práticas

Os resultados do presente estudo podem ter implicações práticas importantes ao nível da prevenção da violência sexual, através da psicoeducação.

De acordo com os resultados obtidos, considera-se que as intervenções de carácter psicopedagógico poderão ser as mais eficientes na mudança de comportamentos sexualmente agressivos. Neste sentido, sugere-se que sejam desenhadas intervenções como campanhas e ações de sensibilização, que contribuam para a desmistificação de crenças erróneas face à sexualidade, alertem para a questão da pressão de pares e a sua influência no comportamento dos sujeitos e atuem sobre as atitudes negativas face às mulheres, baseadas nas representações exacerbadas dos estereótipos sexuais.

4.2. Limitações do estudo

Tal como seria de esperar, o presente estudo apresenta algumas limitações que se prendem com as características da amostra, como (ausência de) aleatorização de uma amostra retirada do universo de alunos universitários portugueses (do sexo masculino), e a veracidade imposta pelas e através respostas dos participantes, dado a natureza do questionário *online*, com a sua “facilidade” de acesso/participação e, por outro lado, a saturação originada pelos inúmeros estudos (nem todos científicos) que usam este recurso para a recolha da sua amostra, e ainda pela desejabilidade social.

Acresce ainda que, embora o presente estudo tenha sido desenvolvido no âmbito académico, a grande maioria das Universidades, Faculdades, Escolas Superiores ou Institutos não facilitou nem promoveu a divulgação desta investigação aos seus alunos, possíveis participantes que poderiam ter engrandecido a amostra.

Ademais, dado que vivemos numa sociedade em evolução, que visa anular os estereótipos, o presente estudo não deveria excluir participantes com outras orientações sexuais que não a heterossexual. Desta forma, cria-se a possibilidade para a realização de futuras investigações, que não só os incluam, mas que suprimam as restantes limitações supracitadas.

Apesar da expectativa de contribuição do presente estudo para a investigação na área da violência sexual, considera-se que o mesmo demonstrou alguns aspetos a serem melhorados. Tais factos fomentam a possibilidade de reflexão para o desenvolvimento e realização de futuras investigações, não só nesta população, mas sobretudo nas populações mais jovens, de forma a desenhar planos/ações de prevenção e de intervenção mais adequadas e eficazes nesta área, com forte impacto social nesta sociedade atual, em constante evolução, que deverão ser implementados o mais precocemente possível e dirigidos às idades pediátricas, a considerar desde a primeira infância.

Referências Bibliográficas

- Abbey, A., McAuslan, P., Zawacki, T., Clinton, A. M., & Buck, P. O. (2001). Attitudinal, experiential and situational predictors of sexual assault perpetration. *Journal of Interpersonal Violence*, 16, 784-807.
- Abbey, A., Parkhill, M. R., Clinton-Sherrod, A. M., & Zawacki, T. (2007). A Comparison of Men Who Committed Different Types of Sexual Assault in a Community Sample. *Journal of Interpersonal Violence*, 22(12), 1567-1580.
- Andersen, P. B. (1996). Correlates of college women's self-reports of heterosexual aggression. *Sexual abuse: A Journal of Research and Treatment*, 8, 121-131.
- Banyard, V. L., Plante, E. G., & Moynihan, M. M. (2004). Bystander education: Bringing a broader community perspective to sexual violence prevention. *Journal of Community Psychology*, 32, 61-79.
- Beisser, A. (1976). The american seasonal masculinity rite. In A. Yannakis, M. Melnick & R. McIntyre (Eds.) *Sport sociology: contemporary themes (4th Ed.)*. Iowa: Kendall Hunt.
- Boslooper, T. & Hayes, M. (1976). Cinderella was a winner (180-182). In A. Yannakis, M. Melnick & R. McIntyre (Eds.) *Sport sociology: contemporary themes (4th Ed.)*. Iowa: Kendall Hunt.
- Brady, E., Chrisler, J., Hosdale, D., Osowiecki, D., & Veal, T. (1991). Data rape: avoidance strategies and attitudes toward victims. *Journal of Social Psychology*, 131, 417-429.
- Burgess, G. H. (2007). Assessment of Rape-Supportive Attitudes and Beliefs in College Men: Development, Reliability, and Validity of the Rape Attitudes and Beliefs Scale. *Journal of Interpersonal Violence*, 22(8), 973-993.
- Burt, R. (1980). Cultural myths and supports for rape. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38, 217-230.
- Buss, D. M. (2003). *The evolution of desire: Strategies of human mating* (Rev. ed.). New York: Basic Books.

- Buss, D. M., & Barnes, M. (1986). Preferences in Human Mate Selection. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(3), 559-570.
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (1993). Sexual strategies theory: an evolutionary perspective on human mating. *Psychology Review*, 100(2), 204-232.
- Carmody, D., & Washington, L. (2001). Rape myths acceptance among college women. *Journal of Interpersonal Violence*, 16, 424-437.
- Carr, J., & VanDeusen, K. (2004). Risk factors for male sexual aggression on college campuses. *Journal of Family Violence*, 19(5), 279-289.
- Carvalho, J., & Nobre, P. (2013). Five-Factor Model of Personality and Sexual Aggression. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*.
- Carvalho, J., Nobre, P. J. (2016). Psychosexual Characteristic of Women Reporting Sexual Aggression Against Men. *Journal of Interpersonal Violence*, 31(15), 2539-2555.
- Cashmore, E. (1996). *Making sense of sports* (2nd Ed.). New York: Routledge.
- Cohen, D., Nisbett, R. E., Bowdle, B. F., & Schwarz, N. (1996). Insult, aggression, and the southern culture of honor: An "experimental ethnography". *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(5), 945-960.
- Collings, S. J. (1994). Sexual Aggression: A discriminant analyses of predictors in the non-forensic sample. *South African Journal of Psychology*, 24, 35-38.
- Day, K. (1994). Assault prevention as social control: Women and fear of sexual assault on urban college campuses. *Journal of Environmental Psychology*, 15: 261-281.
- Drieschner, K., & Lange, A. (1999). A Review of Cognitive Factors In The Etiology Of Rape: Theories, Empirical Studies, And Implications. *Clinical Psychology Review*, 19(1) 57-77.
- Eysenck, H. J. (1976). *Sex and Personality*. London: Open Books Ltd.
- Fishbein, M., & Ajzen, I. (1981). Acceptance, yielding and impact: cognitive processes in persuasion. In R. E. Petty, T. M. Ostrom, T. C. Brock (1981). *Cognitive responses in persuasion*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 339-59.

Franklin, C., Bouffard, L., & Pratt, T. (2012). Sexual assault on the college campus: fraternity affiliation, male peer support, and low self-control. *Criminal Justice and Behavior*, 39(11), 1457-1480.

Freese, B., Moya, M., & Megías, J. (2004). Social perception of rape: how rape myth acceptance modulates the influence of situational factors. *Journal of Interpersonal Violence*, 9, 143-161.

Gangestad, S. W., & Simpson, J.A. (1990). Toward an Evolutionary History of Female Sociosexual Variation. *Journal of Personality*, 58, 69-97.

Golge, B., Yavuz, F., Muderrisoglu, S., & Yavuz, S. (2003). Turkish university students attitudes toward rape. *Sex Roles*, 49, 653-662.

Gonçalves, R. (1999). *Psicopatia e processos adaptativos à prisão*. Braga, Centro de Estudos em Educação e Psicologia do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

Griffin, M. J., & Read, J. P. (2012). Prospective Effects of Method of Coercion in Sexual Victimization Across the First College Year. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(12), 20503-2524.

Gross, A. M., Winslett, A., Roberts, M., & Gohm, C. L. (2006). An examination of sexual violence against college women. *Violence Against Women*, 12(3), 288-300.

Hare, R. D. (1991). *Manual for the revised Psychopathy Checklist*. Toronto: Multi-Health Systems.

Hendrick, C., Hendrick, S., Foote, F. H., & Slapion-Foote, M. J. (1984). Do men and women love differently? *Journal of Social and Personal Relationships*, 1, 177-195.

Hersh, K., & Gray-Little, B. (1998). Psychopathic Traits and Attitudes Associated With Self-Reported Sexual Aggression in College Men. *Journal of Interpersonal Violence*, 13(4), 456-471.

Himelein, M. J. (1995). Risk Factors for Sexual Victimization in Dating A Longitudinal Study of College Women. *Psychology of Women Quarterly*, 19(1), 31-48.

Hinck, S., & Thomas, R. (1999). Rape myth acceptance in college students: how far have we come?. *Sex Roles*, 40, 815-832.

Hoferek, M. (1980). Toward wider vistas: societal sex-role models and their relationship to the sports world (pp.293-299). In W. Straub (Ed.) *Sport psychology: an analysis of athlete behaviour* (2nd Ed.). Victoria: Mouvement Publications.

Hopkins, J. (1987). *Adolescencia: años de transición*. Madrid: Pirámide.

Iria, C., & Barbosa, F. (2008). *Psicopatas criminosos e não criminosos. Uma abordagem neuropsicológica*. Porto: Legis Editora.

Jackson, S. M. (1999). Issues in the dating violence research: A review of literature. *Aggression and Violent Behavior*, 4, 233-247.

Koss, M. P., & Dinero, T. E. (1988). Predictors of Sexual Aggression among a National Sample of Male College Students. *Annals of The New York Academy of Sciences*, 528, 133-147.

Koss, M. P., Dinero, T. E., Seibel, C. A., & Cox, S. L. (1988). Stranger and Acquaintance Rape Are There Differences In the Victim's Experience?. *Psychology of Women Quarterly*, 12(1), 1-24.

Koss, M., Gidycz, C., & Wisniewski, N. (1987). The scope rape: incidence and prevalence of sexual and victimization in a national sample of higher education students. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 55, 162-170.

Koss, M., & Oros, C. (1982). Sexual Experiences Survey: A research instrument investigating sexual aggression and victimization. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 50, 445-457.

Loh, C., Gidycz, C. A., Lobo, T. R., & Luthra, R. (2005). A Prospective Analysis of Sexual Assault Perpetration: Risk Factors Related to Perpetrator Characteristics. *Journal of Interpersonal Violence*, 20, 1325-1348.

Lomas, C. (2007). La escuela es un infierno? Violencia escolar e construcción cultural de la masculinidad. *Revista de Educación*, 342, 83-101.

Machado, C., Gonçalves, M., & Matos, M. (2000). Escala de Crenças sobre a Violação (ECV). Braga: Escola de Psicologia, Universidade do Minho.

Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83.

Mahoney, P., Williams, L. M., & West, C. M. (2001). Violence against women by intimate relationships partners. In C. M. Renzetti, J. L. Edleson, & R. K. Bergen. *Sourcebook on violence against women* (pp. 143-178). Thousand Oaks: Sage Publications.

Martins, S., Machado, C., Abrunhosa, R., & Manita, C. (2012). Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS). *Análise Psicológica*, 30(1-2), 1-12.

McDonald, T., & Kline, L. (2004). Perceptions of appropriate punishment for committing date rape. Male College Students recommend lenient punishment. *College Student Journal*, 38, 44-56.

Molidor, C., Tolman, R. M., & Kober, J. (2000). Gender and contextual factors in adolescent dating violence. *Prevention Research*, 7, 1-4.

Muehlenhard, C. L., & Linton, M. A. (1987). Date Rape and Sexual Assault in Dating Situations: Incidence and Risk Factors. *Journal of Conselling Psychology*, 34, 186-196.

Organização Mundial da Saúde (OMS). Prevenção da Violência Sexual e da Violência pelo Parceiro Intimo contra a Mulher: Ação e Produção de Evidência. *Organização Mundial de Saúde*, 2012

Ong, A., & Ward, C. (1999). The effects of sex and power schemas, attitudes toward women, and victim resistance on rape attribution. *Journal of Applied Social Psychology*, 29, 362-376.

Pechorro, P., Andershed, H., Ray, J.V., Maroco, J., & Gonçalves, R.A. (2015). Validation of the Youth Psychopathic Traits Inventory and Youth Psychopathic Traits Inventory – Short Version Among Incarcerated Juvenile Delinquents. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 37(4), 576-586.

Peixoto, J., Matos, M., & Machado, C. (2013) Violência sexual no namoro: Os atletas universitários como grupo de risco?. *Psicologia*, 27(1), 1-14.

Proite, R., Donnellis, M., & Benton, S. (1993). Gender, sex-role stereotypes and attribution of responsibility for date and acquaintance rape. *Journal of College Student Development*, 34, 411-417.

Reis, H. & Jelsma, B. (1980). A social psychology of sex differences in sport (276-286). In W. Straub (Ed.). *Sport psychology: an analysis of athlete behaviour* (2nd Ed.). Ithaca, New York: Victoria Movement Publications.

Reumann, M. (2005). American Sexual Character: Sex, Gender, and National Identity in the Kinsey Reports. *Archives of Sexual Behavior*, 36(5), 294.

Rozee, P. D., & Koss, M. P. (2001). Rape: A Century of Resistance. *Psychology of Women Quarterly*, 25(4), 295-311.

Ryckman, R., Kaczor, L., & Thomson, B. (1992). Traditional and non-traditional women's attributions of responsibility to physically resistive and nonresistive rape victims. *Journal of Applied Social Psychology*, 22, 1453-1463.

Sá, A. R. (2016). *Dimensões do funcionamento interpessoal numa amostra não-forense de indivíduos sexualmente agressivos*. Tese de Mestrado. Universidade do Porto.

Schmitt, D. P. (2005). Sociosexuality from Argentina to Zimbabwe: A 48-nation study of sex, culture and strategies of human mating. *Behavioral and Brain Sciences*, 28(2), 275-311.

Schwartz, M. D., & DeKeseredy, W. S. (1997). *Sexual Assault on the College Campus. The role of male peer support*. Thousand Oaks: Sage Publication.

Simpson, J. A., & Gangestad, S. W. (1991). Individual differences in sociosexuality: Evidence for convergent and discriminant validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60(6), 870-883.

Tang, C. S., Critelli, J. W., & Porter, J. F. (1993). Motives in Sexual Aggression. The Chinese Context. *Journal of Interpersonal Violence*, 8(4), 435-445.

Van Baardewijk, Y., Andershed, H., Stegge, H., Nilsson, K., Scholte, E., & Vermeiren, R. (2010). Development and tests of short versions of the Youth Psychopathic Traits Inventory

and the Youth Psychopathic Traits Inventory-Child Version. *European Journal of Psychological Assessment*, 26(2), 122-128.

Vrij, A., & Kirby, E. (2002). Sex differences in interpreting male-female dyad interaction: males predominance in perceiving sexual intend. *International Review of Victimology*, 9, 289-297.

Wegner, R., Pierce, J., & Abbey, A. (2014). Relationship Type and Sexual Precedence: there association with characteristics of sexual assault perpetrators and incidents. *Violence Against women*, 20(11), 1360-138.

Zweing, J., Barber, B., & Eccles, J. S. (1997). Sexual Coercion and weel-being in young adulthood: Comparison by gender and college students. *Journal of Interpersonal Violence*, 12, 291-308.

Anexos

Anexo I – Consentimento Informado

Anexo II – Questionário Sociodemográfico

Anexo I – Consentimento Informado

- Consentimento Informado -

Este estudo é dirigido a estudantes universitários de todos os ciclos de estudo e tem por objetivo compreender de que forma homens e mulheres procuram, do ponto de vista sexual, interagir com o sexo oposto, bem como os fatores de ordem psicológica associados a esta interação.

Solicitamos a participação, voluntária, de estudantes universitários (homens e mulheres) com idade mínima de 18 anos e orientação heterossexual.

Para participar, deverá preencher os questionários disponibilizados *on-line*; o preenchimento tem a duração de cerca de 15 minutos. As suas respostas são anónimas e confidenciais; os dados serão utilizados para fins de investigação científica, incluindo uma dissertação de Mestrado em Psicologia. Os questionários incluem algumas questões íntimas do foro sexual, bem como questões sobre a sua maneira de ser no dia-a-dia. Pode desistir do estudo em qualquer momento e sem qualquer prejuízo.

Para qualquer questão, contacte rodolforobaloferreira@gmail.com (Rodolfo Ferreira) ou milabenz@gmail.com (Emília Benzinho).

Muito obrigada pela sua colaboração,

Joana Carvalho, PhD (investigadora responsável ULHT/SexLab)

Rodolfo Ferreira (mestrando em Psicologia Forense ULHT)

Emília Benzinho (mestranda em Psicologia Forense ULHT)

Anexo II – Questionário Sociodemográfico

Questionário Sociodemográfico

Idade:.... **Sexo:** masculino..... feminino:.....

Estado Civil:

1 Casado..... **2** Solteiro..... **3** União de Facto.... **4** Divorciado..... **5** Separado
6 Viúvo.....

Habilitações Literárias:

Aluno de Licenciatura...

Aluno de Mestrado

Aluno de Doutoramento...

Outro

Problemas psiquiátricos (anteriores ou atuais):

Já foi diagnosticado com algum problema psiquiátrico/psicológico? Sim....Não....

Se sim, qual?.....

Orientação Sexual:

1 Heterossexual **2** Homossexual **3** Bissexual

Número de parceiros sexuais atuais:

1 Nenhum **2** Um parceiro sexual..... **3** Dois parceiros sexuais.....

4 Múltiplos parceiros sexuais.....

Frequência de atividade sexual (qualquer prática sexual):

1 Nenhuma..... **2** Raramente..... **3** 1 vez por mês..... **4** 2/3 vezes por mês.....

5 1/3 vezes por semana..... **6** Quase sempre.....

Idade da primeira relação sexual:

Anexo II – Questionário Sociodemográfico (Continuação)

Alguma vez foi vítima de abuso sexual?

1 Sim **2** Não.....

Consome Drogas (exceto tabaco e álcool)?

1 Sim..... **2** Não.....

Se sim, **1** Todas as semanas **2** 1/3 vezes por mês **3** 1/3 vezes por ano.....

Que drogas consome?

.....
.....
.....